



Artigo de opinião

Políticas de inserção produtiva a partir de uma perspectiva antirracista

Productive inclusion policies from an antiracist perspective

Poema Eurístenes Portela^{1*} , Pedro Paulo dos Santos da Silva¹ , Bruno dos Santos Sousa¹ ,
Thiago Alves do Nascimento¹ 

¹LabJaca, Rio de Janeiro, RJ, Brasil

COMO CITAR: Portela, Poema Eurístenes, Silva, Pedro Paulo dos Santos, Sousa, Bruno dos Santos, & Nascimento, Thiago Alves. (2023). Políticas de inserção produtiva a partir de uma perspectiva antirracista. *Revista Brasileira de Avaliação*, 12(2 spe), e121323. <https://doi.org/10.4322/rbaval202312013>

Resumo

A transversalidade e a persistência do racismo nas instituições públicas e privadas brasileiras, torna fundamental a promoção de políticas de inclusão produtiva com viés racializado, no seu desenho e na sua avaliação. A partir desta perspectiva, apontamos como as conexões entre o racismo estrutural e as desigualdades no campo do trabalho são um ponto de atuação do LabJaca, organização que se propõe a criar estratégias de transformação social sob uma lente anticolonial. Propomos, assim, uma metodologia avaliativa baseada na geração cidadã de dados, em que há descentralização dos processos epistemológicos e analíticos, e são priorizadas as demandas de populações periféricas e historicamente invisibilizadas nos espaços decisórios. Por fim, destacamos como a avaliação tem um papel central no ajuste entre as necessidades cotidianas de pessoas que vivenciam processos de exclusão social e as políticas voltadas para inclusão produtiva dentro de um cenário tão abissal de disparidades.

Palavras-chave: *Democracia e participação social. Desigualdades raciais. Racismo. Inclusão produtiva.*

Abstract

The transversality and persistence of racism in Brazilian public and private institutions make it essential to promote racially inclusive productive policies in their design and evaluation. From this perspective, we point out how the connections between structural racism, inequalities and labor are a focal point of LabJaca's actions, an organization that aims to create strategies for social transformation through an anti-colonial lens. We propose, therefore, a methodology of evaluation based on citizen-generated data, where epistemological and analytical processes are decentralized, and the demands of peripheral populations and historically marginalized groups in decision-making spaces are prioritized. Finally, we emphasize how evaluation plays a central role in aligning the daily needs of people experiencing social exclusion with policies aimed at productive inclusion within such a profound scenario of disparities.

Keywords: Democracy and social participation. Racial inequalities. Racism. Productive inclusion.

Poema Eurístenes Portela, parda, coordenadora de pesquisa do LabJaca, estrategista na Box1824.

Pedro Paulo dos Santos da Silva, preto, coordenador de pesquisa do LabJaca, consultor para redução de homicídios e política de drogas na Open Society Foundations.

Bruno dos Santos Sousa, pardo, cofundador e coordenador de comunicação no LabJaca.

Thiago Alves do Nascimento, preto, cofundador e diretor de relações institucionais do LabJaca e Próxim8.

A RBAVAL apoia os esforços relativos à visibilidade dos autores negros na produção científica. Assim, nossas publicações solicitam a autodeclaração de cor/etnia dos autores dos textos para tornar visível tal informação nos artigos.

Recebido: Maio 11, 2023

Aceito: Maio 17, 2023

***Autor correspondente:**

Poema Eurístenes Portela

E-mail: poemaportela@labjaca.com

Instituições Parceiras: Fundação Arymax e Fundação Tide Setubal



Este é um artigo publicado em acesso aberto (Open Access) sob a licença Creative Commons Attribution, que permite uso, distribuição e reprodução em qualquer meio, sem restrições desde que o trabalho original seja corretamente citado.



Na alvorada do século XX, o estimado sociólogo afro-estadunidense, Du Bois (2021) anunciou que o “problema” daquele século era o da “linha de cor”. Ainda que uma amplitude de pessoas em toda diáspora Africana tenha tentado eliminar o racismo do qual Du Bois fala, inclusive comprovando que não há base científica para discriminação racial, até este momento ainda enfrentamos esse “problema”. Não obstante em se conservar, o racismo também se atualiza e se expande; constantemente a hierarquia racial recebe nova roupagem e adentra campos recentes - por exemplo, as redes sociais. Estas pontuações no dizem sobre o caráter multifacetado e sistêmico do racismo, isto é, a discriminação racial perpassa todos os aspectos da vida: discursos, práticas, imaginários, afetos e emoções, produção de conhecimento etc.

Quando levantamos o debate acerca do mercado de trabalho, nos deparamos com estatísticas que evidenciam a cristalização da discriminação racial na contemporaneidade brasileira. De acordo com uma pesquisa realizada pelo IBGE, no primeiro semestre de 2021 mais de 70% da população desempregada era negra¹. O mesmo estudo mostra que a população branca se sobressai dentre os empregados em posições de gestão. Adicionalmente, de acordo com um estudo do IPEA, negros são maioria em trabalhos informais e precarizados, tendo sido a população mais impactada na pandemia de COVID-19 em termos de trabalho e renda².

Existem razões históricas e estruturais para isso, que vão desde a carência de reparação pelo escravismo no pós-abolição, o “pacto narcísico da branquitude” (Bento, 2022a)³, a superexploração proporcionada pelo capitalismo neoliberal (Harvey, 2008), dentre outros fatores ligados a fenômenos históricos e socioeconômicos. Em paralelo, existe um fator crucial, que contribui para a perpetuação deste cenário: as políticas públicas que, diante de mecanismos ineficientes e ineficazes no combate à reprodução dessas desigualdades, deixam de atuar como ferramentas de impacto direto sobre o racismo.

É neste contexto que nasce o LabJaca, uma organização que tem como foco a proposição de políticas e estratégias de transformação social, a partir da geração cidadã de dados, com uma abordagem que centraliza as demandas de populações periféricas e provoca a reflexão contínua sobre a assertividade de quaisquer iniciativas focadas em mudar realidades díspares. Neste texto, pretendemos dividir um pouco das nossas experiências para ilustrar como a avaliação tem um papel central no processo de ajuste entre as necessidades cotidianas de pessoas que vivenciam processos de exclusão social e as políticas voltadas para inclusão produtiva dentro de um cenário tão abissal de disparidades ligadas ao mundo do trabalho.

Políticas de inserção produtiva a partir da participação social

Políticas de inserção produtiva, em geral, têm por objetivo promover o desenvolvimento econômico e social, prezando por uma alocação eficiente dos recursos para garantir um maior alcance das oportunidades de geração de renda entre pessoas excluídas do mundo do trabalho. No caso do Brasil, grande parte do público-alvo desse programas sociais são, portanto, pessoas moradoras de favelas, uma vez que concentram mais de 16 milhões de pessoas em todo o território nacional⁴. Ainda assim, observa-se uma desconexão entre o conhecimento das necessidades e particularidades locais e o processo de formulação de tais programas, nos quais o acúmulo e o conhecimento dos moradores muitas vezes não são consultados ou mesmo considerados. A perda com este movimento é multilateral, uma vez que este descompasso implica em um mau uso de recursos que poderiam beneficiar um grande número de pessoas, na reprodução de estratégias falhas de formulação e implementação dessas políticas, e na alienação e baixo envolvimento de quem, no limite, é o centro de todo esse processo.

¹ Impulso Beta (2022).

² Silva & Silva (2020).

³ Para conhecer o argumento central da obra de Cida Bento (2022b), recomendamos a leitura do artigo publicado no Nexa Jornal.

⁴ UOL Economia (2023).



O envolvimento da sociedade civil nos processos de elaboração, implementação e monitoramento das políticas públicas é garantido pela Constituição Federal de 1988 (Brasil, 1988) através de um sistema conhecido como “controle social”. Algumas das contribuições mais significativas da sociedade civil são as perspectivas de co-criar diagnósticos de necessidades reais aos gestores públicos, apontar programas possivelmente conflitantes ou pouco coordenados e aumentar a transparência na gestão dos recursos, com menos desperdício e maior eficiência nos serviços prestados. Nesse sentido, identifica-se um segundo potencial papel para os moradores de favelas e pessoas em vulnerabilidade socioeconômica, não somente como agentes passivos e beneficiários, como também agentes ativos e propositivos na concepção, monitoramento e avaliação das políticas públicas.

Esse mesmo público, com frequência, enfrenta desafios como insegurança alimentar⁵, violência institucional⁶ e escassez financeira, que, quando combinados com outras barreiras, podem obstruir sua participação plena e efetiva. Torna-se fundamental, nesse contexto, que o envolvimento dessas pessoas seja planejado de maneira minuciosa, para que suas agruras não se perpetuem como obstáculos à sua cidadania plena. Esta é uma missão que requer um olhar não apenas direcionada para o problema econômico que as políticas públicas ou privadas de inserção produtiva se propõem a impactar, mas que também considere toda a complexidade que envolve a vida de quem está imerso em cenário de vulnerabilidade.

Quando se parte do pressuposto de que as condições de pobreza e vulnerabilidade apresentadas pelos beneficiários são multidimensionais, a potencialização da sua participação na gestão de programas sociais, além de contribuir para políticas possivelmente inovadoras, mais adaptadas e eficazes, também oferece uma ocasião de valorização do protagonismo dos beneficiários e de seu saber periférico. Ao abrir o processo de formulação e de avaliação à crítica e à criatividade dos territórios favelados, estimula-se a potencialidade, o protagonismo e a participação cidadã. A favela também monitora e avalia políticas públicas. Seus moradores estão cotidianamente inseridos em sua execução e seus impactos. As famílias, as mulheres, os idosos, as crianças, as pessoas com deficiência e as pessoas empreendedoras têm insumo empírico para analisar e propor soluções, feitas para e pela favela.

A fim de conectar quem deveria estar participando e sendo ouvido ao conhecimento que informa novas políticas sociais, é imprescindível o avanço na criação de novos espaços e estratégias de participação dos territórios em vulnerabilidade social e nas favelas. Tais espaços podem ser oficinas, rodas de conversa, palestras e eventos que possibilitem a circulação de diferentes conhecimentos, sejam eles práticos, científicos ou oriundos de reflexões autônomas, para incitar debates e fomentar a proposição de novas soluções para problemas tão antigos.

Esta é uma fórmula que o LabJaca tem desenvolvido em nossas ações e projetos. Um exemplo é o Fórum de Políticas Públicas para o Jacarezinho, que realizamos em abril deste ano e que teve como fim identificar as principais demandas da população da favela para, a partir disso, desenhar os ângulos de investigação de uma pesquisa amostral que produzirá insumos para políticas públicas e privadas relacionadas a 6 diferentes eixos temáticos: Trabalho e Renda, Educação, Cultura e Lazer, Meio Ambiente e Mudança Climática, Saúde e Segurança Pública. O exercício de diálogo e priorização coletiva nos permitiu, neste caso, identificar as dores mais latentes da população, o que, além de direcionar nosso trabalho de investigação e apresentar perspectivas novas sobre temas tão abrangentes, acendeu, entre as pessoas presentes o interesse de seguir pensando em soluções e caminhos de intervenção em questões que atravessam seu cotidiano e impactam no desenvolvimento social da favela. Este tipo de gesto sinaliza, em última instância, que o protagonismo no desenho dessas soluções é coletivo, inclusivo e que o saber local é o principal motor para a assertividade na superação das desigualdades.

⁵ Nascimento & Robin (2020).

⁶ Silva (2021).



O papel da avaliação multidimensional e dialógica

A partir da observação que o conhecimento científico tradicional não retrata fielmente a realidade vivida pelos moradores da favela, um grupo de jovens se uniu durante a pandemia da Covid-19 e criou o LabJaca, um laboratório de dados e narrativas da favela, voltado à produção de dados, formação de pessoas e disseminação de conhecimento através da comunicação acessível. O objetivo do LabJaca é se tornar referência no estímulo da agenda em que políticas públicas voltadas para a favela sejam de fato baseadas em evidências que se atendam à realidade da periferia, nas quais os moradores de favela sejam respeitados e tratados como agentes ativos na produção de conhecimento, e não como meros objetos de pesquisa.

É fundamental para a efetividade dessa proposta observar as particularidades de cada lugar e adequar a metodologia de avaliação à cultura local, assim como priorizar parcerias com pesquisadores do próprio território e ter uma conexão direta com a população local e com as instituições que compõem o espaço. A identificação e representação de moradores e/ou pessoas de origem similar ao do contexto em análise são fundamentais para conseguir coletar dados, expectativas e percepções que muitas vezes são invisibilizadas em pesquisas que seguem um modelo padronizado.

Para disseminar essa perspectiva e instrumentalizar pessoas periféricas com ferramentas analíticas sobre políticas públicas, em novembro de 2022, o LabJaca com apoio da Casa Fluminense lançou a primeira edição do Curso “A Favela que Queremos: Curso de Políticas Públicas”. A formação buscou fortalecer lideranças, movimentos e coletivos que pensam a favela como um espaço de construção de novas ideias e teve como resultado final a produção de um podcast conduzido por seus alunos, onde expuseram suas impressões sobre as políticas ligadas aos diferentes temas que foram debatidos ao longo dos encontros. Nosso objetivo foi, além de apresentar ferramentas avaliativas de políticas sociais, estimular o exercício prático dessa análise, construindo um espaço compartilhado de discussão sobre como o cotidiano periférico é afetado por políticas de mudança social.

Mais recentemente, iniciamos um processo de avaliação de impacto de um programa de inserção produtiva voltado para a ampliação das oportunidades de trabalho, composto de três pilares: conhecimento, incentivo e conexão entre seus participantes e potenciais empregadores. Nosso papel, neste caso, tem sido o de investigar o aprofundamento local, a partir de onde poderemos identificar as particularidades que precisam ser observadas quando falamos de produzir acolhimento e potencializar economicamente pessoas vulnerabilizadas. Nos propomos a avaliar o programa pensando em produzir direcionamentos que possibilitem escalar seu impacto na inserção produtiva, considerando aspectos que, além de resolver um problema imediato de geração de renda, fomentem o desenvolvimento profissional do seu público e respondam às suas expectativas de futuro. Isto porque entendemos que a transformação das realidades sociais desiguais exige mecanismos de ruptura com ciclos de pobreza e com o racismo estrutural.

Ao invés de sugerir que o desafio proposto por Du Bois (2021) é impossível, dado que o racismo possui uma infra estrutura com fundações profundas e que se apresenta de várias formas, nossa proposição é que precisamos tecer uma análise de uma expressão específica do racismo para podermos atacá-la. Não sendo possível agarrá-lo pela raiz de uma só vez, a estratégia que temos à disposição é lidar com suas várias partes. Mas para isso é preciso delinear como este profundo problema funciona, para assim desenvolvermos as táticas necessárias para vencê-lo. À vista disso, temos profunda atenção e um olhar cuidadoso quando falamos de políticas focadas na inclusão produtiva da população negra, pois entendemos que não são bem sucedidas iniciativas que, apesar de proporcionarem a inclusão no mercado de trabalho, contribuem para manter estas pessoas em posições subalternas e, conseqüentemente, para a reprodução de hierarquias raciais em nossa sociedade.

Parece-nos indiscutível que a formulação de políticas com este fim, assim como sua avaliação, precisam considerar uma perspectiva multidimensional sobre o cenário sobre o qual pretende impactar, e envolver pessoas que conheçam de forma profunda aquele contexto. Este é um processo crucial tanto para intervenções assertivas que ofereçam correções de trajeto quanto para aferir se a política foi ou não bem-sucedida em alcançar os resultados propostos em seu desenho.



Fonte de financiamento

Não há.

Conflito de interesse

Não há.

Agradecimentos

Agradecemos à JOI Brasil, pela parceria e apoio constantes, que costurou a rede com a Fundação Arymax e a Revista Brasileira de Avaliação (RBAVAL) e trouxe o convite para este artigo.

Referências

- Bento, Cida. (2022a). O pacto da branquitude. São Paulo: Companhia das Letras.
- Bento, Cida. (2022b, 18 de março). *'O pacto da branquitude': uma hierarquia da cor*. São Paulo: Nexo Jornal. Recuperado em 23 de abril de 2023, de <https://www.nexojornal.com.br/estante/trechos/2022/03/18/%E2%80%98O-pacto-da-branquitude%E2%80%99-uma-hierarquia-da-cor>
- Brasil. (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988*. Brasília, DF. Recuperado em 20 de abril de 2023, de https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/constituicao/constituicao.htm.
- Du Bois, William Edward Burghardt. (2021). *As almas do povo negro*. São Paulo: Veneda.
- Harvey, David. (2008). *O neoliberalismo: História e implicações*. São Paulo: Loyola.
- Impulso Beta. (2022, 16 de maio). *Racismo e o mercado de trabalho*. Recuperado em 20 de abril de 2023, de <https://www.impulsobeta.com.br//racismo-e-o-mercado-de-trabalho>
- Nascimento, Debora, & Robin, Mariana. (2020, 23 de julho). *A fome tem classe e cor: reflexões sobre o dia da saúde e nutrição*. Rio de Janeiro: LabJaca. Recuperado em 20 de abril de 2023, de <https://www.labjaca.com/posts/fome-tem-classe-e-cor>
- Silva, Pedro Paulo. (2021, 6 de maio). *Chacina na favela do Jacarezinho deixa ao menos 23 mortos e medo para os próximos dias*. Rio de Janeiro: LabJaca. Recuperado em 20 de abril de 2023, de <https://www.labjaca.com/posts/chacina-na-favela-do-jacarezinho-deixa-ao-menos-23-mortos-e-medo-para-os-proximos-dias>
- Silva, Tatiana Dias & Silva, Sandro Pereira. (2020). *Trabalho, população negra e pandemia: notas sobre os primeiros resultados da Pnad covid-19*. Brasília, DF: IPEA. Recuperado em 20 de abril de 2023, de https://repositorio.ipea.gov.br/bitstream/11058/10520/1/BAPI_26_TrabPopNegra.pdf
- UOL Economia. (2023, 17 de março). *IBGE: Brasil tem 11.403 favelas, onde vivem cerca de 16 milhões de pessoas*. Recuperado em 20 de abril de 2023, de <https://economia.uol.com.br/noticias/estadao-conteudo/2023/03/17/ibge-brasil-tem-11403-favelas-onde-vivem-cerca-de-16-milhoes-de-pessoas.htm>